

Collor festeja vitória com churrasco

O candidato Fernando Collor de Mello, do PRN, comemorou a passagem para o segundo turno com um churrasco na casa do empresário Eduardo Cardoso, no Lago Sul, a região nobre de Brasília. Apesar da festa antecipada, Collor só dará entrevistas depois que o quadro sucessório ficar mais nítido e souber quem será seu adversário. Collor, que se negou até a ser fotografado, chegou à mansão de Cardoso às 16h40, acompanhado da mulher, Rosane, e dos dois filhos, Joaquim Pedro e Arnon Afonso. Era esperado pela mãe, Leda, e pelo irmão, Pedro Collor, e por assessores próximos.

Durante toda a manhã e início da tarde, Collor ficou fechado em casa. Na noite de quarta-feira, recebeu poucas visitas e foi para a cama às 4 horas da manhã, depois de várias doses de uísque Logan. Além dos mentores políticos de sua campanha, estiveram em sua casa a ex-primeira-dama Sarah Kubitschek e sua filha, a deputada Márcia Kubitschek, além de Zélia Cardoso de Mello, autora do programa econômico do candidato.

Collor acompanhou a apuração em seu gabinete, ao lado de um computador que faz a contagem de votos paralela do PRN e de um televisor, sintonizado na TV Globo. Ele cobrou de assessores a mesma agilidade da emissora na apuração dos votos.

O assessor de imprensa de Collor, Cláudio Humberto Rosa e Silva, garantiu ontem que o PRN ainda não está articulando alianças para o segundo turno "porque não sabe, com segurança, quem será o adversário". Segundo ele, Collor não tem preferência em enfrentar Brizola ou Lula, pois "os dois têm vantagens e desvantagens".

O candidato do PRN não está preocupado com alianças à



Marcos Fernandes/AE-1/11/89

Fernando Collor: em busca de alianças à esquerda para dar um tom social-democrata ao discurso

direita, representada, segundo sua assessoria, por nomes como Guilherme Afif Domingos e Paulo Maluf. Entre seus auxiliares, acredita-se que, com ou sem este tipo de aliança, o temor da eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, estigmatizado como esquerdista extremado, levaria este eleitorado para a sua candidatura.

Para Cláudio Humberto, Collor não procurará apoio de figuras notórias da direita e elas não subirão nos palanques

agora, da mesma forma que não subiram durante o primeiro turno. O assessor garantiu, porém, que o candidato está aberto ao entendimento com todos os setores. Só excluiu o grupo político do presidente. "Com Sarney e o povo dele, o encontro será na Justiça, depois da posse", afirmou.

Collor deverá procurar alianças à esquerda. Como observam pessoas que circulam à sua volta, o candidato do PRN estaria disposto a dar uma sus-

tentação social-democrata ao seu discurso para evitar que o adversário do segundo turno, seja ele Lula ou Brizola, o encurrale num confronto ideológico, caracterizando-o como continuísta do regime representado pelo presidente José Sarney — seu principal alvo no primeiro turno.

"A direita vem por gravidade. Temos de nos preocupar é com a esquerda, no que ela representa de combate ao atual governo e de modernidade", ob-

serva o deputado Alcení Guerra (PFL-PR), um dos coordenadores da campanha. "Só temos de ter o cuidado de não ferir os eleitores da direita. Basta silenciar", completa o assessor Cláudio Humberto.

O namoro com a esquerda, que começaria pelos tucanos Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Saulo Queirós e Ronaldo Cesar Coelho, não passa pela sedução eleitoral. Procura simplesmente conquistar seu discurso. "Nesta eleição ninguém transfere votos", ensina o

líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros, o alfaiate formal destas costuras.

Calheiros terá de trabalhar a quatro mãos nestes entendimentos — que pretendem se estender ao PCB, aproveitando divergências com os comunistas do PC do B, alojados na candidatura Lula, e até fatias do PDT de Brizola. Outros braços serão os da economista Zélia Cardoso de Mello. Para Alcení Guerra, os acordos se darão a partir da discussão do programa econômico e de governo de Collor.

"Você não faz alianças com socialistas sem compatibilizar programas", afirma Alcení Guerra. Cláudio Humberto pensa diferente. "O programa é intocável", insiste, apesar de fazer ressalvas: "Não abrimos mão das reformas patrimonial, fiscal e administrativa e da descentralização da dívida externa. Conversamos sobre o resto".

Collor prepara uma tentativa de aproximação com o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães. Para tanto, utiliza o mesmo raciocínio de desinteresse pelos votos peemedebistas. Collor está à procura da figura de "pai da pátria" de Ulysses, alguém que não poderia isolar-se da política depois de uma derrota. É evidente, também, que Collor tem os olhos postos no Congresso Nacional e seus acenos de um parlamentarismo prematuro. "Parlamentarismo agora é golpe", insiste Collor, durante as reuniões em sua residência e na do amigo e empresário Eduardo Cardoso.

Entre as avaliações de alianças necessárias e desnecessárias, Collor se reúne no final de semana em Belo Horizonte para dar uma nova estrutura à sua programação de campanha. "Vamos reformular tudo", garante Cláudio Humberto. Ele concorda que não será mais atacando Sarney, ameaçando marajás e acenando com o novo na política que Collor somará votos. Lula, por exemplo, veste a mesma roupagem.